

Tendências e consequências do fenômeno migratório O caso da Guatemala

29

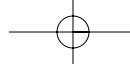
SIBYL PINEDA

As migrações tornaram-se um tema prioritário para os governos dos países emissores de migrantes não somente pelo efeito econômico das remessas familiares que anualmente são injetadas em suas economias, mas também pelos custos sociais e econômicos gerados pela mobilidade das pessoas.

Atualmente, os estudos do fenômeno migratório são orientados no sentido de determinar se a migração pode ou não gerar desenvolvimento. No entanto, é fundamental recordar que este é um fenômeno social que pode estar ligado à desigualdade nas estruturas econômicas e sociais de um país que, com empregos insuficientes, salários indadequados e problemas políticos, pode ter gerado migrações forçadas (OIM, 2002).

No caso da América Central, “os fluxos migratórios apresentam-se como um fenômeno social contemporâneo” (García Zamora, 2007), relacionado não apenas com a globalização, mas também com a incapacidade dos governos nacionais de garantir o bem-estar econômico e social de seus habitantes. A América Central é uma das regiões que mais gera emigrantes, pois estima-se que somente do território migram pelo menos 60 pessoas a cada hora (Caballeros, 2007).

O fenômeno migratório da América Central é bastante particular, pois surgiu devido a uma série de dificuldades políticas, econômicas e sociais que marcaram sua história. De acordo com o Centro Latino-Americano e



Caribenho de Demografia (CELADE), o fenômeno migratório dos países centro-americanos das últimas quatro décadas pode ser identificado em três etapas:

A primeira etapa aconteceu durante os anos 1960 e início dos anos 1970, época em que predominava o modelo econômico de desenvolvimento por substituição de importações, que combinou a substituição de importações e a forma de produção de subsistência, gerando assim migrações regionais e fronteiriças motivadas pela absorção da força de trabalho nas regiões mais produtivas. A segunda etapa é identificada nos anos 1970 e início dos anos 1980, nos quais a América Central sofreu severos problemas de desigualdade social, pobreza e, sobretudo, uma desestabilização política profunda. Estes problemas econômicos e políticos geraram uma escalada da violência e uma migração diferente daquela até então conhecida. Durante esta época, os padrões migratórios da América Central sofreram grandes mudanças tanto na magnitude da mobilização quanto nos destinos aos quais se dirigiam os emigrantes. De acordo com as estimativas do CELADE, oito de cada dez emigrantes que se encontravam no México eram guatemaltecos de origem rural que haviam emigrado em busca de refúgio. Esta etapa teve grande impacto na história migratória da região, pois, somente em 1980, as cifras dos censos indicavam que os emigrantes dos sete países da América Central totalizavam quase meio milhão de pessoas no continente americano, dos quais quase 80% registrados fora do território centro-americano. 75% dos emigrantes centro-americanos residiam principalmente na América do Norte (Canadá, Estados Unidos e México).

A terceira etapa do fenômeno migratório está identificada na década de 1990. No final da década de 1980, a estabilidade política foi recuperada e o padrão migratório mudou. Muitos emigrantes, que durante a época anterior buscaram residência no exterior ou novas fontes de emprego, buscavam se reunir com suas famílias, pois a economia dos países começava uma dura fase de recuperação do conflito. Foi durante esta época que a imagem dos Estados Unidos como “a terra dos sonhos e das oportunidades” se fortaleceu (Galeano, 2006). Por volta do ano 2000, estimava-se que mais de 2 milhões de emigrados procedentes da América Central estavam estabelecidos no exterior, dos quais pelo menos 85%, nos Estados Unidos. Atualmente, a CELADE estima que as perspectivas econômicas do território centro-americano não sejam promissoras e que a migração persistirá em amplos segmentos da população; argumenta-se também que os modelos econômicos de integração regional e global fortaleceram sua condição de emissores de migrantes.

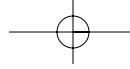


Tabela I. Características do fenômeno migratório na América Central.

Etapa	Período	Tipo de mobilidade	Causas
Primeira Etapa	Anos 1960 início dos 1970	Mobilidade sazonal e temporal	Cobrir demanda de mão de obra para o cultivo
Segunda Etapa	Anos 1970 e 1980	Mobilidade forçada	Desestabilização política e a escalada generalizada da violência
Terceira Etapa	Anos 1990	Mobilidade internacional	Econômicas (Busca por emprego e melhores oportunidades)

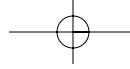
Apesar da história migratória em todo o território centro-americano ter sido bastante dinâmica, a Guatemala é um país que experimenta com mais intensidade o fenômeno migratório em nível latino-americano, pois não somente gera emigrantes, mas também é o país de trânsito para 90% do total de emigrantes centro-americanos (Castillo, 2005).

Na Guatemala, os movimentos migratórios remontam a épocas anteriores à conquista, mas durante a década de 1970 o processo migratório apresentou mudanças importantes, devido ao fato de ter sido estimulado por problemas econômicos e políticos, ressaltados pelo terremoto sofrido pelo país em 1976. Nos anos 1980, o conflito armado fez com que dezenas de milhares de habitantes da parte ocidental do país migrassem para zonas fronteiriças com o México em busca de refúgio, estabelecendo-se nos estados de Chiapas e Soconusco.

Estima-se que, antes destas duas décadas, os movimentos migratórios em direção a destinos internacionais não eram significativos, sendo que, a partir desse momento, a tendência do fenômeno migratório no país muda. A emigração de guatemaltecos para os Estados Unidos registra, a partir desse momento, um aumento paulatino, sendo estimado que, entre 1980 e 1990, a população guatemalteca residente nesse país tenha quintuplicado (OIM, 2002), chegando a pelo menos 500 mil pessoas na década de 1990, o que equivale a 6% da população total do país (Martínez, 2001).

A década de 1990 foi chave porque, apesar do início do processo de assinatura dos Acordos de paz ter proporcionado o retorno voluntário de milhares de guatemaltecos do México (OIM, 2001), por outro lado, a pobreza, a iniquidade e o desemprego continuavam provocando migrações para o exterior.

Novamente, no início dos anos 2000, a economia sofreu um duro golpe devido à crise do café em 2001. Sendo o cultivo do café uma das atividades produtivas mais importantes do país nesse momento, a crise inevitavelmente veio acompanhada de migrações maciças para os Estados Unidos. Estima-se



que neste ano os guatemaltecos que residiam nos Estados Unidos chegaram a 1 milhão de pessoas, constituindo a terceira população de emigrantes nesse país depois dos mexicanos e salvadorenhos (OIM, 2001).

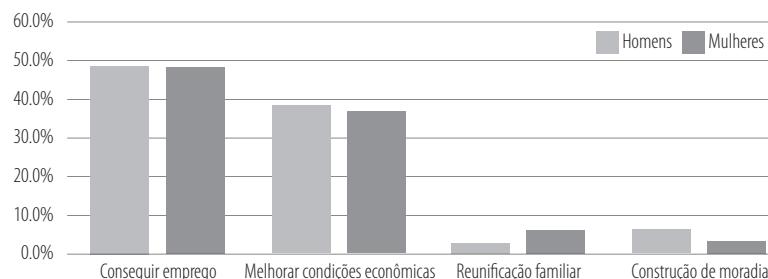
Apesar de ainda ser difícil quantificar com exatidão o número de guatemaltecos que residem no exterior, devido ao alto percentual de movimentos irregulares, a taxa de emigração em 2008 era equivalente a 11,2% e estima-se que, do total de emigrantes, 98% residam nos Estados Unidos, dos quais mais de 200.000 encontram-se em situação irregular (OIM, 2001).

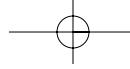
Não obstante as restrições aos movimentos migratórios atualmente terem aumentado nos Estados Unidos, de acordo com a OIM (2002) as perspectivas do fenômeno migratório no país permanecem crescentes devido às suas circunstâncias econômicas e sociais. Por isso, é fundamental estabelecer quais sejam os motivos para emigrar, os lugares de origem e de destino, a idade e a relação de parentesco, o nível educacional e a ocupação dos emigrantes.

I. MOTIVOS PARA EMIGRAR

No caso dos guatemaltecos, a OIM (2007) indica que a falta de emprego e a necessidade de melhorar a condição econômica são as principais causas da emigração (48,4% e 37,7%, respectivamente), enquanto a proporção de pessoas que emigram por qualquer outro motivo – como a reunificação familiar e a construção de moradia – é muito mais baixa. Com relação ao gênero, as razões para emigrar são similares, pois 48,5% dos homens e 48,1% das mulheres migram por razões de trabalho. Entretanto, a proporção de mulheres que emigram para se reunir com seus entes queridos no exterior é maior (6,1% versus 2,7% dos homens).

Gráfico I. *Principais causas de emigração dos guatemaltecos (2007). Por gênero.*





Com relação ao processo de tomada de decisão dos emigrantes guatemaltecos, 78,8% dos homens que emigraram tomaram eles mesmos a decisão e, no caso das mulheres, o percentual é maior (80,4%).

2. LUGARES DE ORIGEM E DE DESTINO

Com relação ao lugar de origem, os guatemaltecos residentes no exterior que enviam remessas emigraram principalmente das áreas rurais do país (55,1%), e os Departamentos que mais geraram emigrantes internacionais são: Guatemala (20,7%), San Marcos (10,4%), Huehuetenango (8,7%) e Quetzaltenango (6,4%). Observa-se que, daquelas pessoas que emigraram da área rural, 77,7% são homens e 22,3% são mulheres, enquanto que, daquelas provenientes de área urbana, 69,9% são homens e 30,1% são mulheres.

Com relação ao lugar de destino, para os guatemaltecos, os Estados Unidos são o país onde residem 97,7% do total dos emigrantes. Deste total, há três estados que recebem a maior quantidade de guatemaltecos: Califórnia (35,9%), Nova Iorque (10,7%) e Flórida (9,1%). A maior quantidade de remessas familiares enviadas ao país provém destes três estados.

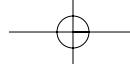
3. IDADE E RELAÇÃO DE PARENTESCO

Com relação à idade dos emigrantes guatemaltecos, a maioria das pessoas que emigraram encontrava-se na faixa de idade entre 15 e 34 anos, enquanto aqueles que passavam dos 35 anos representaram apenas 18,4% do total de emigrantes. Estes dados demonstram que a maioria dos emigrantes são jovens em idade produtiva.

No que diz respeito à relação de parentesco dos guatemaltecos residentes no exterior, registrou-se que pouco menos da metade (48,6%) corresponde aos filhos dos chefes do lar e 17,1% são os maridos. No caso das mulheres, 51,9% são filhas, enquanto apenas 1% são esposas.

4. GÊNERO

Com relação ao enfoque de gênero, acredita-se que a migração influenciou nas relações de gênero no país, seja fomentando as desigualdades e os papéis tradicionais seja desafiando-os. A migração feminina pode ser o resultado do empobrecimento das mulheres que, cada vez mais, decidem emigrar. No entanto, este fenômeno pode ser um sintoma da desigualdade e discriminação que sofrem as mulheres no país refletidas no pouco acesso a oportunidades bem remuneradas.



Ao analisar o crescimento da migração por gênero, observa-se que, no ano 2002, as mulheres emigrantes chegavam a 337.348 e no ano 2007 o número havia aumentado para 415.029, o que demonstra um crescimento de 23% na taxa de emigração internacional da população feminina guatemalteca. Esta taxa é maior do que a taxa de crescimento da emigração masculina.

Apesar da taxa de migração feminina vir aumentando, de acordo com a OIM, até o momento a pouca emigração das mulheres pode estar relacionada com os aspectos culturais do país, pois “a sociedade designa às mulheres as tarefas domésticas e de reprodução”, motivo pelo qual poderia ser avaliado negativamente que a mulher emigre deixando para trás sua família (OIM, 2007:47). A baixa emigração feminina também poderia ser explicada pelo nível de risco que representa emigrar de forma irregular (sem documentação).

Para o caso da Guatemala, uma vez que começa a surgir a perspectiva de gênero nos estudos da migração, os poucos dados disponíveis demonstram que é de suma importância reconhecer as mulheres em todo o processo migratório e o efeito positivo ou negativo que este pode ter, tanto para aquelas que decidem emigrar como para aquelas que ficam.

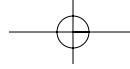
5. EDUCAÇÃO E OCUPAÇÕES

Com relação ao nível de escolaridade dos guatemaltecos antes de partir, foi observado que mais da metade (50,9%) dos que hoje residem no exterior tinham pelo menos o grau de educação primária; 21,3% contavam com educação secundária, 20,2% com ensino médio e 1,7% com educação universitária ou superior e apenas 3,4% não tinham nenhum grau de escolaridade.

Ao diferenciar a análise da educação do migrante por gênero, os números não apresentam maiores diferenças no nível educacional de homens e mulheres, exceto para a educação de nível superior em que há uma maior proporção de mulheres (24,7%) que alcançam este nível (OIM, 2007). Apesar dos emigrantes guatemaltecos contarem com um nível educacional alto em comparação com a média nacional,¹ isto não significa que no exterior sejam contratados como mão de obra qualificada, pois a média educacional nos lugares de destino (geralmente países mais desenvolvidos) é superior.²

1 Na Guatemala, o nível educacional médio, em nível nacional, é de três anos (ENCOVI, 2006).

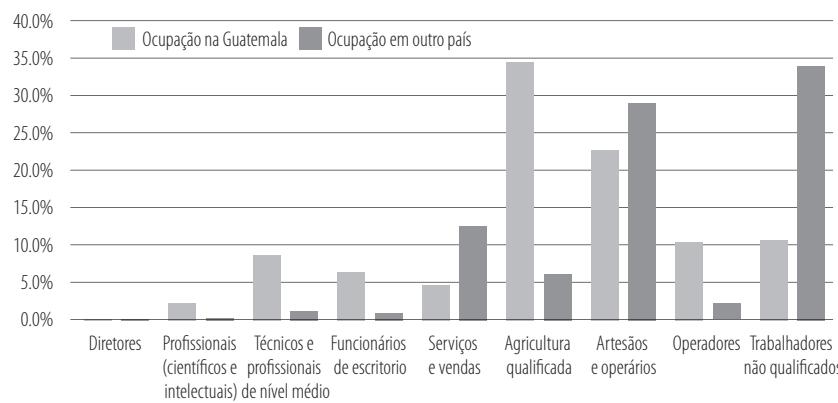
2 Por exemplo, nos Estados Unidos, o nível educacional médio, em nível nacional, é de 12 anos (Banco Mundial).



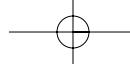
Do acordo com Bélanger e Piché (1995), dado que a educação é uma variável utilizada frequentemente para estimar o potencial de inserção econômica dos imigrantes no mercado de trabalho de destino, é importante não apenas analisar o nível acadêmico, mas também determinar quais são as ocupações desempenhadas pelos emigrantes tanto na origem como no destino. Em geral, seria esperado que a mão de obra altamente qualificada gozasse de vantagens e facilidades maiores para favorecer sua transferência para outros mercados. Na Guatemala, os dados mostram que, antes de partir, 34,4% dos migrantes se dedicavam à agricultura e trabalhos agropecuários qualificados, 22,6% trabalhavam como operários e artesãos, 10,4% como operadores de instalações e outras maquinarias, 10,7% como trabalhadores não qualificados e apenas 0,23% desempenhava atividades de direção (OIM, 2007).

Ao se estabelecerem no lugar de destino, as ocupações dos migrantes são variadas. Aquelas pessoas que desempenhavam funções de direção e como técnicos profissionais na Guatemala, no exterior parecem não desempenhar funções da mesma natureza pois, como observado no Gráfico 2, as pessoas destes setores se trasladam para outro tipo de ocupação que pareceria de menor qualificação.³ No exterior, 33,9% dos guatemaltecos estão concentrados em ocupações no setor de trabalhadores não qualificados, seguidos por 28,90% como operários e artesãos, 12,42% nos serviços e vendas, 6,10% como agricultores qualificados.

Gráfico 2. Comparativo da ocupação na origem e no destino.



3 É possível que a mudança de profissões dos migrantes possa estar explicada não somente pela exigência de um determinado nível educacional, mas também pelas exigências de documentos formais ou a existência de barreiras linguísticas para ser incorporado em determinadas ocupações.



6. EFEITOS SOCIOECONÔMICOS DA MIGRAÇÃO

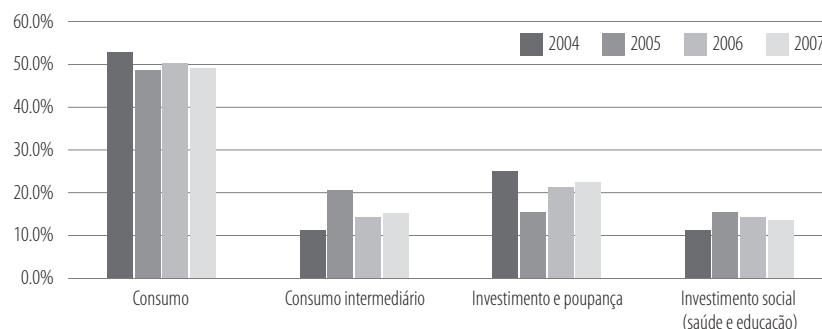
Em qualquer país, os efeitos da migração se veem refletidos na composição populacional e suas características de sexo, idade, estrutura educacional e ocupacional dos lugares de origem e de destino. Do mesmo modo, a migração tem consequências espaciais gerando uma redistribuição espacial da população. Estas mudanças populacionais são de suma importância, pois não somente modifica-se o comportamento estrutural da população, mas também há um impacto fundamental no planejamento econômico e social dos países (CEPAL, 2005).

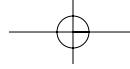
Da perspectiva econômica, as remessas familiares, que representam a contrapartida financeira das migrações, podem desempenhar um papel muito importante para reduzir a pobreza e melhorar as condições de bem-estar dos lares que as recebem nas economias em desenvolvimento.

Segundo estimativas da OIM (2007), na Guatemala recebem-se mais de quatro milhões de dólares através de remessas familiares. O fluxo atual de remessas financia parcialmente a subsistência de milhões de guatemaltecos que recebem renda média de aproximadamente US\$ 345 por mês.

Com relação ao uso e tipo de consumo ao qual são destinadas as remessas familiares, estima-se que 48,8% sejam destinadas ao consumo (consumo familiar em alimentos, vestuário e sapatos, e os gastos para aquisição de mobília e equipamento e outros gastos pessoais), 15,2% ao consumo intermediário (investimento em meios de produção), 22,7% em investimento e poupança e 13,4% em investimento social (saúde e educação).

Gráfico 3. Destino das remessas familiares. De 2004 a 2007.





É importante destacar que parte das remessas familiares recebidas na Guatemala foi utilizada para o financiamento de capital para microempresas tanto na área rural quanto urbana. Estes investimentos tiveram consequências positivas na geração de empregos.

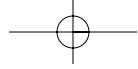
Segundo a OIM, estima-se que apenas no ano de 2005 mais de um terço dos lares receptores de remessas (aproximadamente 300.000) tinham sua própria empresa. Apesar de 80% dessas empresas serem autofinanciadas, as remessas fornecem a segunda fonte de financiamento, superando em 8% os créditos bancários (BM, 2006).

Em termos de investimento social, no ano de 2006, foram investidos mais de 200 milhões de dólares em gastos com educação, incluindo inscrições, uniformes e mensalidades, e 65% dos gastos correspondem a estabelecimentos educacionais privados, onde se espera que a educação recebida seja de melhor qualidade. Além do mais, foram investidos mais de 283 milhões de dólares em gastos com saúde, tanto preventiva quanto curativa, e o grupo mais beneficiado por estes gastos foram as pessoas que se encontram na faixa etária dos 5 aos 19 anos. Em 2008, o gasto com educação e saúde superava 500 milhões de dólares.

Apesar das remessas familiares dinamizarem as economias dos países receptores, o fenômeno migratório revela uma face menos atraente. De acordo com a Mesa Nacional para as Migrações na Guatemala – MENAMIG (2006), o fenômeno migratório implicou a constante fuga de capital humano, desintegração familiar, além do custo de adaptação para os emigrantes, os custos afetivos para os que ficaram (especialmente as crianças) e os riscos ao cruzar as fronteiras (em especial, para aqueles que viajaram em situação irregular).

Com relação à fuga de capital humano, Galeano (2006) declara que a migração teve influência em muitas comunidades guatemaltecas, onde se evi-dencia uma forte ausência de homens jovens, ficando apenas pessoas da terceira idade ou mulheres, que têm que se adaptar aos novos papéis sociais e, muitas vezes, assumir a chefia do lar.

Na opinião de Escobar (2006), a migração pode implicar uma descapitalização tanto de recursos humanos como econômicos, dado que as pessoas que migram são aquelas que se encontram em idade produtiva e que, em termos relativos, têm maiores níveis educacionais, o que significa uma perda de potencial de desenvolvimento das zonas que geram emigrantes. No caso da Guatemala, o país “está recebendo dólares, mas, em troca, está entregando a população mais jovem e com nível de escolaridade acima da média nacional”

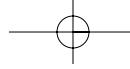


(Galeano, 2006). Este intercâmbio ou exportação de mão de obra poderia não compensar a perda de produtividade sofrida pelo país, além dos custos sociais como a desintegração familiar e o enfraquecimento do tecido social. Além disso, é fundamental mencionar o custo afetivo cultural que se manifesta no emigrante quando ele chega ao lugar de destino em relação à identidade que desenvolveu no contexto sociocultural de seu país de origem (como a língua e a religião entre outros). De acordo com Pickard (2005), os imigrantes se veem ameaçados por um novo ambiente econômico e cultural no qual podem sofrer com discriminação, xenofobia e violação de seus direitos fundamentais.

Tendo em vista o crescimento do fenômeno migratório e devido à dificuldade envolvida no processo de migrar, principalmente para os Estados Unidos devido a suas políticas migratórias restritivas, a migração através de canais ilegais é uma das formas mais recorrentes de emigração. A irregularidade migratória, enfrentada pela maioria, conduz a uma situação de vulnerabilidade (Pickard, 2005).

Para as famílias que ficaram no lugar de origem, o custo da desintegração do núcleo familiar pela perda temporal ou permanente de um membro do lar pode gerar efeitos sociológicos de abandono, solidão e apatia (Altamirano, 2004). Da mesma forma, a migração também tem seu efeito naquelas mulheres que ficam e devem assumir o fardo e as responsabilidades familiares, na “maioria das vezes sob o controle dos pais ou parentes do marido, com os quais se configuram outras relações de poder” (Castillo, 2003). Na Guatemala, 71,2% dos lares receptores de remessas são administrados por mulheres que assumem, em muitos casos, a responsabilidade financeira do mesmo. De acordo com Jiménez e Acosta (2004, apud Ugalde, 2008), “na Guatemala vivem mais de 4 milhões de parentes diretos de emigrantes que em 77% dos casos não visitam suas famílias”. Destes, pelo menos 71% se sentem afetados pela separação de seu familiar. Nestes casos, 90% apresentam sintomas de depressão ou tristeza acarretada pela partida de seus entes queridos, enquanto que, em casos extremos, são registrados problemas de alcoolismo, dependência de drogas e inclusive participação em gangues (OIM, 2007).

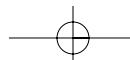
Deste modo, parece que os custos sociais dos movimentos migratórios no país, tanto para as pessoas que migram como para aquelas que ficam no lugar de origem, são demasiadamente altos. Por esta razão, é necessário entender que a realidade das migrações na Guatemala constitui não somente um desafio econômico, mas também um verdadeiro “desafio humano”

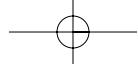


(Borge, 2006:2); desafio que, hoje, precisa de ações concretas orientadas para o aproveitamento das remessas familiares e, sobretudo, para a construção de uma sociedade capaz de oferecer melhores oportunidades para sua população de maneira a iniciar um capítulo mais otimista na história migratória do país.

Sibyl Italia Pineda

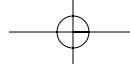
Formada em economia, com ênfase em comércio internacional pela Universidade Rafael Landívar, na Guatemala. Realizou estudos em técnicas econômicas para priorizar investimentos em infraestrutura outorgados pela Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL); Negociação e Gestão Empresarial, na Universidade Pontifícia Comillas, Espanha. Colaborou com consultorias para o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), a *International Finance Corporation* (IFC) do Banco Mundial, a Universidade da Califórnia, em Berkeley e a Secretaria Geral de Planejamento e Programação da Presidência da Guatemala (SEGEPLAN). Fez parte da equipe de pesquisadores sobre Migrações e Desenvolvimento para a Federação Internacional de Universidades Católicas (FIUC). Atualmente, colabora como pesquisadora na área de Políticas Públicas no Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais (IDIES).





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTAMIRANO, T. Sostenibilidad de la migración transnacional: costos y beneficios. In: XIV ECONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, ABEP. Caxambu, MG, Brasil, 20-24 set. 2004.
- BANCO MUNDIAL. *Análisis del corredor de remesas Estados Unidos-Guatemala*. Departamento de Finanzas, Sector Privado e Infraestructura Región de Latinoamérica y el Caribe del Banco Mundial, 2006.
- _____. *Global Economic Prospects 2006: Economic Implications of Remittances and Migration*. Capítulo 5. (Versión Electrónica), 2006. Disponible em: www.worldbank.org/prospects/gep2004.
- BAJRAJ, R., VILLA, M., RODRÍGUEZ, J. *Población y desarrollo en América Latina y el Caribe: un desafío para las políticas públicas*. Centro Latinoamericano y Caribeño de Demografía (CELADE) – División de Población, 2000.
- BÉLANGER, L., PICHÉ, V. *Une revue des études québécoises sur le facteurs d'intégration des immigrants*. Departamento de demografía e investigación de la sociedad y grupos étnicos (GRES), Colección de notas y documentos. Número 5. Gobierno de Québec, 1995.
- BORGE, D. Migración y políticas públicas: elementos a considerar para la administración de las migraciones entre Nicaragua y Costa Rica. *Población y Salud en Mesoamérica. Revista Electrónica* Vol. 3, n. 2, artículo 4. jan. 2006. Disponible em: <http://ccp.ucr.ac.cr/revista/>
- CABALLEROS, A. *Derechos de Cristal: Análisis de la Problemática Migratoria y de las violaciones a los derechos humanos de migrantes en tránsito por Guatemala*. Mesa Nacional para las Migraciones de Guatemala – MENAMIG, 2007.
- CASTILLO, M. Coyuntura y Debate: Dimensiones de las migraciones futuras: Un desafío para las Políticas Públicas. *Red Internacional Migración y Desarrollo* n. 4. Primer semestre 2005.
- _____. *Migraciones en el hemisferio. Consecuencias y relación con las políticas sociales*. Centro Latinoamericano y Caribeño de Demografía (CELADE) – División de Población y Banco Interamericano de Desarrollo (BID), 2003.
- COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE – CEPAL. *Guatemala: Evolución Económica Durante 2004 y Perspectivas para 2005*. Versión Electrónica. LC/MEX/L.667, 2005. Disponible em: www.cepal.org/id.asp?id=22036
- _____. *Uso de los datos censales para un análisis comparativo de la migración internacional en Centroamérica*. Sistema de Información Estadístico sobre las Migraciones en Centroamérica. Centro Latinoamericano y Caribeño de Demografía (CELADE) – División de Población, Organización Internacional para las Migraciones (OIM) y Banco Interamericano de Desarrollo (BID), 2002.



ESCOBAR, A. *Migración internacional, pobreza y desigualdad en México*. Documento de apoyo del Informe sobre Desarrollo Humano México 2006-2007. México: Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo, 2006.

FAJNZYLBER, P., LOPEZ, H. Cerca de casa: Impacto de las remesas en el desarrollo de América Latina. Presentación del Banco Mundial “Corredor de Remesas Impacto en el desarrollo” realizado en Guatemala, 2007.

GALEANO, R. *Migraciones y Derechos Humanos en Guatemala*. Informe no Gubernamental. Mesa Nacional para las Migraciones en Guatemala– MENAMIG, 2006.

GARCÍA, E., VALDEZ, H. Tendencias de la Migración en Guatemala. *Publicación Serie Seminarios y Conferencias* n. 24. Comisión Económica para América Latina y el Caribe – CEPAL, 2002.

GARCÍA ZAMORA, Rodolfo. *Migración internacional, tratados de libre comercio y desarrollo económico en México y Centroamérica*. 2007. Disponible em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/edicion/vidal_guillen/19GarciaZ.pdf

GUATEMALA: INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA (INE). *Encuesta Nacional de Condiciones de Vida* (ENCOVI), mar.-set. 2006.

JIMÉNEZ e ACOSTA (2004) citados por UGALDE, M. Pueden las migraciones contribuir al desarrollo. *Estudios locales en Guatemala*. Informe final, 2008.

MARTÍNEZ, J. *Panorama de la migración internacional en Guatemala*. Santiago de Chile, 2001. Mimeo.

ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL PARA LAS MIGRACIONES – OIM. Encuesta sobre Remesas 2007. Perspectiva de Género. *Cuadernos de Trabajo sobre migración* n. 24, 2007.

_____. Encuesta Nacional sobre Emigración Internacional de Guatemaltecos – Resultados Definitivos. *Cuadernos de Trabajo sobre migración* n. 15, 2002.

_____, MINISTERIO DE RELACIONES EXTERIORES GUATEMALA. Plan de Acción para el Manejo de las Migraciones Internas e Internacionales (Documento de trabajo). *Cuadernos de Trabajo sobre migración* n. 1, 2001.

PICKARD, M. *Entre fuegos cruzados: Los migrantes mesoamericanos en su travesía hacia al norte*. Programa de las Américas del Centro de Relaciones Internacionales – IRC, 2005. Disponible em: http://www.americaspolicy.org/reports/2005/sp_0503_migrantes.html